

Recado aos descrentes

CORRÍO PAZ

EXPEDICTO QUINTAS - 6 JAN 1986

*Economia
Brasil*

Entre reticentes e ostensivas, as notícias dando conta da opinião da classe empresarial, quanto aos resultados da economia, no ano que ora se inicia, são contraditórias e conflitantes, desde que postas as colocações do empresariado diante das firmes declarações do ministro Funaro, sobre o desempenho projetado para 1986.

A preliminar lançada pelo Governo fixa um teto de expansão de 160% para a inflação neste Ano Internacional da Paz. Para tanto serão determinadas com dureza as providências oficiais relativas à expansão do déficit público, o controle salarial, os gastos das estatais — notícias deste fim de semana dão conta do monstruoso orçamento de um quatrilhão de cruzeiros das empresas chapa-branca —, a vigilância nos juros, austeridade nos gastos, policiamento ostensivo do CIP e da SEAP sobre os preços, entre outros, com a cobertura de uma engorda desmedida do Leão, agora amestrado pelo Dr. Tury, sob os auspícios do pacto fiscal.

Banqueiros, empresários e investidores — incluindo essa desalmada categoria dos especuladores — não rezam pela mesma cartilha, nem dizem amém às ladainhas do Ministro da Fazenda. Na contraposição apon-

tam a reciclagem endêmica da inflação, persistindo nos três dígitos por vários anos, com os dois últimos emplacando acima de duzentos por cento. Entendem esses adivinhos, diante de suas planilhas de custos, despesas e lucros, anotadas sob 1986, que os complicadores decorrentes desse avanço na casa dos duzentos por cento, além de imprevisíveis nos seus desdobramentos, partem sempre de um piso sobre o qual novas cargas adicionais estão sendo transferidas. Os prejuízos das secas no Sudeste e no Sul, refluindo sobre os preços dos alimentos e por isso mesmo catapultando os percentuais inflacionários.

As considerações mais otimistas que apontam, definem o ano de 1986 como sendo de imensas dificuldades, alinhando nas respectivas perorações a reforma ministerial que dão como desestabilizadora política, com os adicionais de eleições em todos os níveis legislativos — incluindo a Constituinte — e mais a total mudança dos governos estaduais.

Um outro setor submetido a descresças generalizadas é o crescimento da economia em 86, sustentando os níveis de 7,6 por cento de 85. E apontam as alternâncias dos índices mensais de 85 como refletindo uma instabilidade de base no controle efe-

tivo do processo da inflação, sobre o qual — reafirmam — o Governo ainda não colocou freios confiáveis.

Para alguns especialistas em política salarial os ganhos reais das classes trabalhadoras estão competindo sob a forma de uma corrida de meia distância entre o crescimento econômico e o fôlego da massa salarial. Dificilmente deixarão de ser perniciosas as consequências desse páreo na determinação dos preços dos bens e dos serviços.

Removendo as brasas, em favor dos banqueiros, técnicos do sistema creditício levantam uma suspeita quanto aos indicadores do reaquecimento da economia. A prevalência foi garantida pela ampliação do poder aquisitivo, sendo mantida estável a demanda de empréstimos, com aporte incipiente de crédito bancário. A mobilização se fez sobre a capacidade ociosa do nosso parque manufatureiro, sem nenhum ingresso de novos investimentos. Os altos custos financeiros da moeda emprestada fizeram a contenção de solicitações de recursos de capital.

Deixamos para o final a perplexidade geral sobre as lideranças do empresariado rural, postas contra a parede, a partir da clara posição do Governo em combater a alta desmedida dos preços

dos alimentos, trazendo do exterior aquilo que seja suficiente para dar sustentação aos estoques reguladores. Na opinião do presidente José Sarney existe oportunismo e exploração de alguns ladinos que operam nos canais do abastecimento.

Feitas as medidas da baixa na produção vamos trazer de fora arroz, carne, feijão, leite, milho e óleo de soja, com custos adicionais em nossa balança comercial que poderão ir até US\$ 2 bilhões, vale dizer entre Cr\$ 12 e Cr\$ 15 trilhões. Subsídios lá fora e liberados internamente de ICM.

E ninguém fala e ninguém protesta, aceitando todas as carapuças lançadas ao ar pelos que entendem haver abuso agora e temem por abusos maiores, mais para a frente.

Para nós, no entanto, o importante já está acontecendo. O Governo está de mangas arregaçadas e armas engatilhadas para reagir, com disposições inarredáveis de resistir cruzeiro a cruzeiro nas batalhas da inflação, e somente ceder quando se sentir derrotado. E é bom convir: poder é poder, e dificilmente irá aceitar essa posição de vencido. Cuidem-se, pois, os que telam em esquecer a verdade do “manda quem pode e obedece quem tem juízo”.